



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

CARTOGRAFIA DE PESQUISAS EM PROCESSO - EPISTEMOLOGIAS DO SUL NA PESQUISA EM ARTES CÊNICAS E NAS PRÁTICAS DA CENA CONTEMPORÂNEA EXPANDIDA

6 MINUTOS: PARA HABITAR O CORPO-ENCRUZILHADA

CAMILA BASTOS BACELLAR

O gesto de explicitar a particularidade do próprio corpo, sua identidade e subjetividade é uma poderosa estratégia usada em epistemologias feministas. Na performance artística tal estratégia se atualiza ao desafiar a objetividade desincorporada e os discursos totalizadores que sustentam a posição voyeurística de espectadores e sujeitos neutros. A relevância deste gesto é aguda, pois implica que artista e espectador são responsáveis pela produção de sentido relativa àquilo que se instaura na ação. Interessa pensar as articulações entre a performance e o campo de saber constituído pelos feminismos. Considerando a importância política da esfera pessoal o principal objeto de análise deste texto será a performance *6 minutos*, de Camila Bacellar. A ação instaura um estado sensorial interessado em tensionar os limites impostos pela conjuntura global sobre os direitos sexuais e os direitos reprodutivos de corpos que possuem útero. Ao convocar processos existenciais em aliança com a escrita acadêmica busca-se que a produção de conhecimento seja feita desde uma sistematização corporificada de saberes localizados e conhecimentos situados. Já são conhecidos os danos causados pelo sujeito não corporificado. Com isto visa-se uma responsabilidade ética, particularizar a mirada é também tornar-se responsável por aquilo que se aprende a ver. Assim, a ideia de corpo-encruzilhada é convocada neste trabalho para tratar de questões feministas relativas ao modo como a interseccionalidade dos marcadores sociais opera nos corpos, para pensar sobre a relação de intersubjetividade



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

estabelecida entre artista e espectador e, também, para travar um diálogo com discussões descoloniais sobre fronteira e encruzilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo: Performance: Feminismos: Corpo-Encruzilhada.

RESUMEN

El gesto de explicitar la particularidad del propio cuerpo, su identidad y subjetividad es una poderosa estrategia utilizada en epistemologías feministas. En la performance artística esta estrategia se actualiza al retar la objetividad desincorporada y los discursos totalizadores que sostienen la posición de voyeur de espectadores o de sujetos neutrales. La relevancia de este gesto es aguda pues implica que artista y espectador son responsables por la producción de sentido relativa a aquello que se instaura en la acción. Interesa pensar las articulaciones entre la performance y el campo de saber constituido por los feminismos. Considerando la importancia política de la esfera personal el principal objeto de análisis de este texto será la performance *6 minutos*, de Camila Bacellar. La acción instaura un estado sensorial interesado en tensionar los límites impuestos por la coyuntura global sobre los derechos sexuales y los derechos reproductivos de cuerpos que tienen útero. Al convocar procesos existenciales en alianza con la escritura académica se busca que la producción de conocimiento sea hecha desde de una sistematización corporificada, saberes localizados y conocimientos situados. Ya son conocidos los daños causados por el sujeto no corporificado. Con esto se pretende una responsabilidad ética, particularizar la mirada es también tornarse responsable por aquello que se aprende a mirar. Así, la idea de cuerpo-encrucijada es convocada en este trabajo para tratar de cuestiones feministas relativas al modo como la interseccionalidade de los marcadores sociales opera en los cuerpos, para pensar sobre la relación de intersubjetividad establecida entre artista y espectador y, también, para trabar un dialogo con discusiones descoloniales sobre frontera y encrucijada.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo: Performance: Feminismos: Cuerpo-Encrucijada

- 205 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ABSTRACT

The gesture of making explicit the particularity of the body itself, your identity and subjectivity is a powerful strategy used in feminists epistemologies. In performance art this strategy is refreshed by challenging the disembodied objectivity and the totalizing discourses that sustain the voyeuristic position of spectators and neutral subjects. The relevance of this gesture is poignant because implies that artist and spectator are responsible for the production of the meaning regarding that which the action establishes. It matters, then, to think the articulations between the performance and the field composed by the feminisms. Considering the political importance of the personal sphere the main object of analysis in this text will be the performance *6 minutes*, made by Camila Bacellar. The action initiates a sensorial state eager to tighten the limits imposed by the global scenario about sexual rights and reproductive rights of the bodies that have uterus. In calling existential processes in alliance with academic writing the aim is that knowledge production can be made from an embodied systematization of situated knowledge. The damages caused by the non-embodied subject are already known. Hereupon the goal is of an ethical responsibility, particularizing the vision is also being responsible by that which you learn to see. Therefore, the idea of the crossroad-body is called in this work to attend feminist issues related to the way the intersectionality of the social markers operate in the bodies, to think about the intersubjectivity relationship established between artist and spectator and, also, to hold a dialogue with decolonial discussions about borderland and crossroad. **KEYWORDS:** Body: Performance: Feminisms: Crossroad-Body.

O eixo principal da minha pesquisa de doutorado em andamento está em articular um pensamento sobre as relações entre a performance e o campo de saber constituído pelos estudos feministas. Nesse processo tem se mostrado importante inventar ideias-

- 206 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

força¹, brincar com palavras e profanar o saber acadêmico objetificante oriundo de um sistema de mundo moderno/colonial gênero (LUGONES, 2001).

A pesquisa acadêmica e de criação atrelada aos processos artísticos e existenciais em que estive imbricada ao longo dos últimos anos havia me levado a compor meus pensamentos com a ideia-força “corpo como artefato”. Recentemente o aprofundamento desta ideia-força foi abrindo caminho para outra proposição, a de “corpo-encruzilhada”. Tal proposição ganha densidade na medida em que me lanço ao encontro com teorias e práticas feministas interseccionais e descoloniais e que compartilho essa ideia com parceiras de trabalho e com artistas cujos pensamentos e práticas artísticas e existenciais me arrebatam e me encantam.² O que proponho aqui, consciente das limitações de qualquer ideia-força e das minhas próprias limitações, são guianças para pensar corpo, performance, escritas e teorias encarnadas que possibilitem o acesso aos “séculos de história cultural que fervem sob nossas peles” (ANZALDÚA, 2009, p.169) via escavações coletivas e autópsias, como condição para que se possa habitar o corpo.

Trata-se de escavação, não por uma busca de verdades, origem ou essência e sim porque tal procedimento convoca o acesso a camadas espiraladas de tempo (CUSICANQUI, 2010). Trata-se de autópsia porque esse modo de operar nos possibilita uma ferramenta de investigação sobre o próprio corpo como sendo o campo onde tem lugar as mais diversas batalhas, onde se inscrevem, concorrem e transbordam os mais variados discursos no forjar das subjetividades. Ademais, pensar na autópsia como um gesto de observação minuciosa e constante sobre si, considerando todas as forças que atravessam e tocam a vida, conecta esse gesto com proposições feministas e descoloniais. Diferentemente da necropsia o que se observa na autópsia é um corpo

¹ Expressão muito utilizada pelo educador chileno Abraham Magendzo. Para Magendzo as ideias-força “Estão fortemente enraizadas no tempo histórico, entendido como criação, como produção de diferenças e diversidades, como transformação, como movimento, em definitiva, como um processo” (MAGENDZO, APUD CANDAU, 2016 p.17). Segundo Vera Maria Ferrão



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

vivo, logo um corpo capaz de rever posicionamentos, de combater forças opressoras, de transbordar questões singulares, locais e globais, capaz de interferir no mundo e nas relações com seu entorno. A meu ver esse processo necessariamente implica uma pesquisa comprometida e aprofundada sobre a história política do corpo desde teorias feministas interseccionais, transfeministas e descoloniais³.

Candau as ideias-força “possuem um significativo potencial provocativo. Convidam a ir além do estabelecido e a aprofundar em questões de sentido e perspectivas de futuro” (CANDAU, 2016, p.17).

²O diálogo generoso com Angela Donini, Cintia Guedes e Sara/Elton Panamby antes e durante o curso que propusemos juntas, Resistências Feministas na Arte da Vida, vinculado ao projeto de extensão de Donini na UNIRIO, Processos Escavatórios para Habitar o Corpo, que ocorreu em parceria com o projeto Plataforma de Emergência do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, foi fundamental para dar continuidade ao desenvolvimento da ideia de corpo-encruzilhada. Também as conversas, mesmo que virtuais, com Michelle Mattiuzzi, Miro Spinelli e Pedrâ Costa, assim como o apoio da professora Eleonora Fabião foram de grande ajuda, com suas críticas ou incentivos, para pensar tal proposição.

³Para pensarmos em como o campo de saberes constituído pelos feminismos pode contribuir com os estudos da performance temos que ter em conta que o feminismo não pode ser, como Paul B. Preciado tem apontado sistematicamente, uma teoria especializada na opressão “das mulheres”. É preciso fazer uma análise transversal da opressão, uma análise que de conta das opressões de raça, de gênero, de classe e voltadas contra as sexualidades não-normativas. Esse feminismo



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

De forma que este artigo está orientado pelo uso de uma epistemologia feminista que busca visibilizar os lugares de fala, e logo os vieses e posicionalidades que a orientam, com o intuito de trazer para o debate as limitações de uma perspectiva corporal e concretamente localizada. É preciso que eu me posicione enquanto sujeito de fala e que deixe evidente que as reflexões que aqui farei são partes de um saber localizado, que não se pretende universal nem esgotado. Certas categorias sociais naturalizadas oriundas de um sistema colonial/moderno de gênero que operam sobre o meu corpo e me identificam como mulher, cisgênero, branca, brasileira, de classe média, etc., são categorias limitantes que não me definem, mas que me marcam, localizam a posição de enunciação de meu discurso e deixam rastros em minha trajetória como acadêmica e como artista, ou, como tenho preferido, como atuadora.⁴ A intenção, ao evidenciar o lugar de enunciação deste discurso, é buscar romper com uma objetividade científica desincorporada (HARAWAY, 2005), pois tal objetividade é herança do um sistema de mundo que forja o sujeito cartesiano abstrato, concede-lhe privilégios e posições de poder que o desimplicam de suas análises. Tal sujeito é aquele que olha sem ser visto. A crítica à desincorporação dos sujeitos que detêm o poder de criar significados dominantes vem sendo operada há tempos via dispositivos artísticos como a performance por inúmeras pessoas que, para isso, se valem de seus próprios corpos como mote e suporte da criação.

A motivação para pensar as relações entre performance e feminismos veio pela percepção, recorrente em minha pesquisa de doutorado ainda em andamento, da escassez de material que trate das potencialidades dos “efeitos e afetos feministas” (FABIÃO, 2014, p.29) no trabalho com performance no Brasil.⁵ Ao longo dos últimos oito anos tenho buscado não só “olhar” para as relações entre o campo da performance e as práticas feministas como trabalha-las também de forma encarnada e incorporada, tanto em coletivo como em minhas práticas artísticas pessoais. Assim, tentarei abordar o que mobilizou a criação



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

seria uma teoria da transformação social, de redefinição dos limites da esfera pública e do horizonte democrático. Nesse sentido as teorias feministas interseccionais e as teorias feministas descoloniais tem se mostrado fundamentais.

⁴As categorias sociais de identidade são ferramentas do sistema colonial/moderno que atendem a lógica da biopolítica e do capitalismo. Estas não deixam de ser importantes para as disputas políticas por direitos mas ao mesmo tempo é preciso entender que tais categorias são naturalizações – e ficções – altamente violentas e arbitrarias já que a afirmação da existência de gênero e de diferença sexual, para ficarmos com dois exemplos, é altamente problemática porque baseada em discursos médico-jurídicos heteronormativos que pressupõe que existam somente dois gêneros opostos, masculino e feminino, e que as anatomias corporais são passíveis de dividirem os corpos em dois grandes grupos, também opostos.

⁵Em outros países a produção de conhecimento que articula as relações entre a performance artística e os feminismos ocorre há bastante tempo. Nesse sentido o trabalho de Pinho e Oliveira constitui uma importante fonte de pesquisa pois versa sobre tais articulações desde uma perspectiva que historiciza tanto a performance como os movimentos e teorias feministas nos Estados Unidos e Europa. Seria preciso mais espaço para versarmos sobre a escassez de material que trate das potencialidades dos efeitos e afetos feministas no trabalho com performance no Brasil mas uma das importantes chaves para compreendermos tal escassez pode ser encontrada nas reflexões de Heloisa Buarque de Holanda relativas ao surgimento e ao adensamento dos movimentos feministas no Brasil.

da última ação performática² que desenvolvi, bem como a forma que dei a ela para então buscar um diálogo e algumas aproximações entre performance e feminismos em diálogo com a proposição de corpo-encruzilhada.

² A performance *6 minutos* foi realizada pela primeira vez em Outubro de 2015, na época da votação do PL 5069. Desde então realizei está ação com algumas variações formais em distintos contextos. Dentre as últimas apresentações destacam-se as realizadas no Centro Cultural do Banco do Brasil de São Paulo (Diálogos sobre o Feminino, 11 de junho de 2016); SESC SP (De.Generadas, 26 de março de 2016); Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (Como falar de arte feminista à brasileira, 27 de fevereiro de 2016).



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A cada seis minutos

A ação *6 minutos*³ trata da questão da criminalização do aborto. A ação instaura um estado sensorial interessado em tensionar os limites impostos pela conjuntura global sobre os direitos sexuais e os direitos reprodutivos de corpos que possuem útero. A cada vez que sei de mortes de mulheres em decorrência de aborto me sinto violentada. A cada dois dias uma mulher morre no Brasil em decorrência de aborto clandestino e inseguro. O caso mais recente de ampla divulgação na mídia foi o de Caroline de Souza Carneiro, 28 anos, que buscou uma clínica clandestina para realizar a interrupção da gravidez. Segundo a cientista política Sônia Corrêa, pesquisadora associada da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) e co-coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política (SPW, sigla em inglês) “está em curso uma carnificina de mulheres por efeito do aborto ilegal e inseguro.” (CORREA, 2016, n.p.). Pulsa em meu corpo a lembrança da angústia, da dor e do silenciamento. O medo de ser criminalizada, de algo sair errado durante o procedimento podendo levar a complicações físicas ou a morte é constante em tais experiências. Se considerarmos aspectos interseccionais como raça e classe evidentemente, e os dados oficiais corroboram este fato, mulheres negras e mulheres pobres quando decidem pela clandestina interrupção da gravidez terão ainda mais dificuldades e morrerão mais rapidamente, e sem redes de apoio, do que mulheres brancas de classe média ou alta.

No livro *Calibán y la Bruja – Mujeres, Cuerpo y Acumulación Originaria* (2013) Silvia Federici⁴ traz um importante viés histórico e econômico sobre o controle do Estado com relação às políticas de reprodução social e a questão do aborto.

³ O título de minha ação é claramente inspirado no projeto *six minutes*, de autoria de Willem Velthoven and *Women on Waves*, e se refere a uma estatística de 2003 que atesta que a cada seis minutos, em algum lugar do mundo, ocorre uma morte desnecessária em decorrência de aborto clandestino.

⁴ Federici é militante feminista italiana e professora da Hofstra University de Nova Iorque.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Sua análise centra-se sobre capitalismo e a relação intrínseca entre acumulação primitiva, ocultação do trabalho doméstico, escravidão, colonialismo, esmagamento das lutas camponesas e o controle do corpo e da sexualidade das mulheres. A hoje quase anedótica caça às bruxas perpetrada pela Inquisição Católica – e suas distintas facetas – é fundamental na análise de Federici. A maior perseguição declarada às mulheres como categoria social, que começa no século XV não é mera superstição medieval. Mais do que uma simples perseguição, tratou-se de um verdadeiro genocídio muito bem organizado e financiado pela Igreja e pelo Estado. Este ocorre simultaneamente à expropriação das terras camponesas e a instauração do colonialismo e da escravidão nas Américas. Entre as várias acusações típicas dos crimes cometidos pelas “bruxas” queimadas vivas ou condenadas pela Inquisição Católica estão os crimes cometidos contra a reprodução. Muitas “bruxas” eram acusadas de “matar crianças”, e entre esses crimes eram incluídos abortos voluntários e/ou uso de métodos contraceptivos. No entanto, Federici enfatiza que devemos prestar especial atenção ao surgimento da condenação por tais crimes já que na Idade Média o aborto e o uso de métodos contraceptivos eram práticas correntes e faziam parte da vida reprodutiva das mulheres.

No final do século XIV, quando estala uma das várias crises populacionais que atingiram a Europa na transição do feudalismo para o capitalismo, o aborto e práticas sexuais não reprodutivas começam a ser criminalizadas e julgadas. Quaisquer formas de anticoncepção, inclusive o sexo anal, passaram a ser penalizados. Passa-se a dar nova ênfase à importância da família, uma instituição chave na transmissão da propriedade e na reprodução da força de trabalho. Segundo a autora é nessa época que surge a demografia como ciência e o censo populacional como política estatal de controle das vidas. O Estado começa a intervir e a supervisionar a sexualidade, a procriação e a vida familiar.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Dessa maneira, através da caça às bruxas, demonizava-se qualquer forma de controle de natalidade e sexualidade não-reprodutiva. Citando, entre outros, o estudo do historiador John Ridle, *Eve's herbs: a history of contraception in West* (1997), que demonstra que ervas milenares de conhecimento popular eram utilizadas como anticoncepcionais naturais e para provocar o aborto, Federici levanta vários dados que comprovam que os governos começam a impor leis mais severas contra tais anticoncepcionais naturais e contra a prática do aborto. A partir de então, quando a sexualidade feminina não for (re)produtiva, passará a ser vista como um perigo. Muitas “bruxas” eram, também, mulheres que amavam e se relacionavam sexualmente com outras mulheres.

O controle da sexualidade das mulheres faz parte do disciplinamento e da criação do tipo de classe trabalhadora de que o capitalismo necessitava. No capítulo *Acumulação de trabalho e a degradação das mulheres. A construção da “diferença” na “transição ao capitalismo”* a autora demonstra, através dos argumentos do pensador político francês Jean Bodin e do economista italiano Giovanni Botero, que já no século XVI havia uma obsessão tão grande pela mão-de-obra barata que as cidades europeias com mais pobres eram consideradas as mais ricas, porque acumulavam maior força de trabalho e exército de reserva. Isto posto, Federici afirma que um elemento significativo para o êxito do capitalismo foi à condenação do aborto e da anticoncepção, o que relegou o corpo feminino às mãos do Estado e “reduziu o útero a máquina de reprodução de trabalho” (FEDERICI, 2013, p.199)⁵.

As medidas pró-natalistas dos Estados em formação demonstram seu interesse no aumento da mão-de-obra. Os seres humanos passaram a ser vistos como recursos naturais que trabalhavam e criavam para o Estado. A caça às bruxas fora intimamente ligada a nova preocupação de estadistas e economistas europeus com a questão da

⁵ Tradução da autora. No original: “[...] *el útero a una máquina de reproducción del trabajo*”. (FEDERICI, 2013, p.199)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

reprodução e do tamanho da população. Por de trás da caça às bruxas, da proibição do aborto e métodos contraceptivos e da condenação da sexualidade não-reprodutiva está a instauração da maternidade como natural, compulsória, e o estabelecimento do trabalho doméstico como próprio da subjetividade feminina, uma vez que, como não se recebe um salário por ele, oculta-se que este é o trabalho que sustenta todos os demais trabalhos. Por não ser pago, é naturalizado e visto como uma “vocação feminina”. Cria-se a  a subjetividade feminina que o capitalismo requer: aquela que depende, para sua subsistência, e em diversos sentidos, do homem. Para Federici a caça   bruxas criminalizou o controle da natalidade e a autonomia das mulheres sobre si mesmas, colocando o corpo das mulheres e seus  teros a serviço do aumento da popula o e da força de trabalho.

Atenta ao colonialismo e a instauração do racismo na formação da subjetividade moderna ocidental, Federici afirma que tais procedimentos são procedimentos de alienação com relação ao próprio corpo. Sobre a alienação com relação ao próprio corpo em casos de gravidez não desejada Federici aponta que esta é uma das mais profundas alienações que uma pessoa pode sentir: “Ninguém pode descrever em realidade a angústia e o desespero sofridos por uma mulher ao ver seu corpo convertido em seu inimigo, tal e como ocorre em um caso de gravidez indesejada” (FEDERICI, 2013, p.141)⁶. O colonialismo, a instauração da raça, a criação da subjetividade feminina moderna ocidental e a perpetuação dos efeitos da colonialidade do poder, do saber e do ser atravessados pela colonialidade do gênero (LUGONES, 2011) em nossas subjetividades são processos causadores de fissuras e frequências mortas que nos impossibilitam de habitar o corpo em toda sua extensão e potência de vida.

⁶ Tradução da autora. No original: “*Nadie puede describir en realidad la angustia y desesperación sufrida por una mujer al ver su cuerpo convertido en su enemigo, tal y como debe ocurrir en el caso de un embarazo no deseado.*” (FEDERICI, 2013, p.141)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Tomada por todas essas reflexões e atravessamentos existenciais de ordem pessoal tenho escolhido realizar a performance *6 minutos* no chão frio e pegajoso de banheiros masculinos. Ali estendo um tecido de algodão cru onde um mapa-múndi é projetado. Estou nua. Quando o público entra lhes explico que essa é uma ação que eu não posso realizar sozinha, que preciso de ajuda. Peço que alguém contabilize o tempo de seis minutos e que nos avise quando estes se passarem. Agachada, adentro no mapa com um recipiente de vidro e um conta-gotas. Então convoco a cada pessoa que leia em voz alta, e na ordem numerada, o nome de dois países que figuram numa lista de setenta e quatro países que irá passar de mão em mão.

Para cada país nomeado pingo uma gota de sangue no território ao qual este corresponde no mapa. O cheiro do sangue, menstrual e armazenado, toma de assalto o espaço cênico. Quando a ação é momentaneamente interrompida pelo aviso da passagem dos seis minutos, peço a lista de volta e aciono um áudio. O áudio preenche o banheiro com um *Tutorial para condenação a morte por crime de útero fértil*. Sigo sangrando o mapa até terminar de marcar todos os países que violam o direito ao aborto. Ao terminar me levanto e fico no mesmo plano que o público. Passo então a pingar o sangue em minhas mãos enquanto sustento a mirada de quem ainda se propor a permanecer ali.

Considero a materialidade política, plástica e mnemônica de cada elemento desta ação. O mapa-múndi me interessa por ser a projeção da geopolítica colonial e possibilitar a visualização das nações que criminalizam o aborto. Minha voz em *off* enuncia o “Tutorial para condenação a morte por crime de útero fértil” endereçando cruelmente as amarras jurídicas e punitivas que violam nosso poder de decisão e impõem a maternidade como compulsória. O texto aponta também para o enrijecimento das leis de criminalização do aborto no Brasil.⁷ A escolha do banheiro masculino visa levantar a questão do aborto em um território supostamente masculino, pois, se de forma geral

⁷ Refiro-me aos PL 478/2007, PL 6583/2013 e PL 5069/2013.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

os homens se abstém da luta pela descriminalização também são estes os que mais usam de suas posições de poder na política para obstaculizar ainda mais o acesso ao mesmo. Além disso, levantar a questão nesse território é implicar os sujeitos que geralmente se desimplicam de suas responsabilidades quando ocorre uma gravidez indesejada. E por mais que se impliquem em estar junto no processo de interrupção da gravidez não é sob seus corpos que recaíram os riscos e os danos oriundos da clandestinidade. A nudez evoca a fragilidade do corpo que será aberto, como ocorre em procedimentos cirúrgicos abortivos, mas também evoca a particularidade de meu corpo. Para realizar esta ação tenho que coletar e armazenar meu sangue menstrual a cada mês. Este traz consigo muitas camadas: a cor vermelha; o fato de ser meu e de ser um material cujo acesso só ocorrerá se eu estiver optando por não engravidar; o fato de ser o mesmo material que escorre quando mulheres são vítimas da clandestinidade do aborto; o fato de ter um cheiro muito específico e ser uma marca olfativa que tem a potência de acionar memórias e afetos das mais distintas ordens seja no meu corpo ou nos distintos corpos presentes.

Em *6 minutos* a relação entre a atuada e as pessoas que estão acompanhando a ação produz dobras na relação intersubjetiva (JONES, 1998) que se estabelece entre as partes. Quando realizo a ação estou nua. Opto por desacelerar ficção e espetacularidade (FABIÃO, 2008) e por ter um tratamento informal com as pessoas que estão acompanhando a performance. Pensando que minha trajetória artística se deu mais na rua do que na caixa preta me pego a pensar que ali, talvez, também se instaure algo próximo a esfera pública que por vezes se alcança nas experiências de performance e teatro de rua. Esta esfera pública se atualiza no momento em que lhes peço a colaboração que preciso para a ação olhando nos olhos de cada pessoa. Quando lhes digo que a porta está fechada por questões acústicas mas que quem quiser pode sair a qualquer momento. Quando, eventualmente, peço ajuda para achar algum dos países no mapa. Quando alguém do público se abaixa para procurar comigo determinado país. Quando pessoas que compõe o público debatem juntas sobre onde estaria determinada nação no mapa. Quando opto pelo banheiro masculino para realizar este



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ato. Quando opto por não deixar muito amarrados os fios da ação e de abrir mão de algumas convenções cênicas, possibilitando assim que irrompam vozes irmanadas ou até contrárias. Quando respiramos o cheiro do meu sangue.

Habitando as fronteiras e corpo-encruzilha

Creio que a proposição de corpo-encruzilhada pode servir há distintos âmbitos dos estudos da performance. Inicialmente com corpo-encruzilhada eu busquei convocar a chave de pensamento da teoria feminista interseccional sobre entrecruzamento dos eixos de diferenciação social (gênero, raça, classe, nacionalidade, sexualidade, religiosidade, etarismo, capacitismo, etc.) que marcam o corpo e o expõe a situações de opressão ou privilégio, dependendo do contexto e da forma como usamos/usam essas marcas (CRENSHAW, 1991).⁸ A ideia de corpo-encruzilhada também remetia, quando comecei a desenvolvê-la, ao choque entre o fluxo de desejos, a necessidade de lhes dar passagem e construir paisagens para os processos de singularização versus o enrijecimento e embrutecimento causados pela camisa de força dos identitarismos, com suas normas, tradições e maneiras corretas de existir. O corpo-encruzilhada remetia ainda a ideia de movimento, já que é na encruzilhada que os caminhos paralelos ou díspares se encontram. Por fim, me parecia útil pra pensar a coexistência

⁸ O que a teoria da interseccionalidade sistematizada por Kimberlé Crenshaw, mulher negra americana, demonstra é que não se trata de uma soma de diferenças dos marcadores e eixos de diferenciação social (gênero + raça+ nacionalidade + classe, etc...) e sim de uma articulação ou um entrecruzamento entre tais dimensões. A análise interseccional permite a percepção de que as categorias identitárias não existem de forma isolada nem *a priori*. Não podemos pensar o gênero como uma categoria pura, muito menos como uma categoria isolada de outros elementos que compõe nossa identidade e operam em nossa subjetividade. A experiência de gênero de cada pessoa está diretamente relacionada com seu pertencimento de raça, de classe, de nacionalidade, etc. Logo, a importância das experiências vividas de cada ator social será sempre única e deverá ser levada em consideração. Para a interseccionalidade o contexto tem papel determinante, portanto presta-se atenção a sempre instável imbricação entre privilégios e opressões. Análises que não levem a interseccionalidade em conta não conseguirão abarcar as formas particulares de subordinação – nem as possibilidades de agência e resistência – dos indivíduos.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de contradições nas pessoas, contradições que são agidas e/ou sentidas no, pelo, através, com o corpo.

Meu interesse na pedagogia para a criação de performances e de ativismos no campo da arte e da educação está bastante relacionado à atenção ao que eu proponho pensar como *corpo-encruzilhada*, pois para mim tal atenção permite que através da performance desenvolvam-se poéticas em que se consiga trazer a tona às intersecções que operam em cada corpo, sempre com atenção ao modo contextual em como estas operam, convocando a agência de quem faz a ação no sentido em que esta pessoa se lança em um ato inerentemente político de contar e nomear a própria estória relacionando-a com a história cultural, política e socioeconômica que ferve sob sua pele. A ideia-força corpo-encruzilhada pode possibilitar que performers, atuadorxs e ativistas lancem “reflexões performáticas” sobre o que está em tensionamento em seus próprios corpos e sobre como o entrecruzamento dos eixos de diferenciação social (as articulações entre os marcadores sociais) agem de forma contingente e contextual.

Outras perspectivas de pensamento sobre o corpo-encruzilhada foram surgindo dos diálogos com colegas e companheiras de trabalho. Em entrevista Miro Spinelli⁹ enfatizou que quando está realizando suas performances artísticas seu corpo vira uma encruzilhada entre si e o corpo do outro, pois durante a ação se sente negociando sua própria existência no espaço, e a existência de seu corpo com as pessoas que lhe olham e que participam – amplamente falando – do evento performático. Para Spinelli, nesse momento o corpo se torna uma encruzilhada entre o olhar do outro e seu próprio (SPINELLI, 2016, n.p.)¹⁰. É preciso ter em conta que as performances de Spinelli também se valem do gesto de explicitar a particularidade do próprio corpo, sua identidade e subjetividade. Esse gesto histórico é uma poderosa estratégia que vem sendo utilizada

⁹ Artista transmídia e pesquisadorx atuante no Rio de Janeiro e em Curitiba. É mestrando em Performance no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ e integrante do Água Viva concentrado Artístico.

¹⁰ Entrevista por email realizada em Janeiro de 2016 e ainda não publicada.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

há tempos em epistemologias feministas interessadas em produzir conhecimento incorporado, pautando-se por saberes localizados e por uma forma de objetividade que não seja neutra nem desinteressada.

As inúmeras trocas com Angela Donini¹¹ sobre corpo-encruzilhada também tem sido importante para o desenvolvimento de como essa proposição pode operar nos estudos de performance e nos estudos de subjetividade. Ao longo de sua trajetória de pesquisa e produção audiovisual seu interesse tem estado em questionar as imagens hegemônicas que nos habitam e que foram sendo injetadas como verdade em nossos corpos para acessar outros repertórios de imagens e assim mudar/reocupar as metáforas extenuantes que foram aplicadas aos nossos corpos. Seus apontamentos tem enfatizado que é preciso descolonizar não só nossos pensamentos, nossos corpos e nossos gestos, mas também as imagens e inconscientes que nos habitam. Permeada pelas reflexões da escritora chicana e teórica cultural Gloria Anzaldúa, Donini propõem pensar “o corpo-encruzilhada como platô (zonas de intensidade contínua) para encontrarmos ancoragem. Subvertendo a ideia de encruzilhada como ponto onde se deve tomar decisão e pensar na bifurcação que se apresenta na encruza como mundos possíveis” (DONINI, 2016, n.p.).

A obra de Anzaldúa, sua teoria sobre fronteira e “nova consciência mestiça”, influenciou inúmeros críticos pós-estruturalistas que versam sobre hibridismo. Anzaldúa, como chicana e lésbica, logrou formular um pensamento acerca da sua condição de mestiza bastante comum (mas nunca “igual”) a muitas outras mulheres dos terceiros mundos que vivem em situações precárias por não-pertencimentos de distintas ordens. Acompanhando suas proposições vitais e o pensamento crítico-poético em seu livro *Borderlands/La Frontera* (1987), a perspectiva de encruzilhada

¹¹ Professora do Departamento de Filosofia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre e doutora pelo Núcleo de Estudos em Subjetividade da PUC-SP. Graduada em Psicologia pela UNESP/Assis e em direção cinematográfica pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro/Rio de Janeiro.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

se adensa, não para suavizar hibridismos como o operado pelo multiculturalismo de corte neoliberal, mas sim para localizar as fronteiras e o encontro, ainda que conflitivo, com os mundos possíveis. Em um trecho de seu famoso poema *To live in the Borderlands means you*, Anzaldúa diz:

Nas fronteiras
Você é o campo de batalha
Onde os inimigos são parentes
Você está em casa e é estrangeira
As disputas fronteiriças foram resolvidas
E a saraivada de tiros estilhaçou a trégua
Você está ferida, perdida em combate,
Morta, resistindo;
[...]
Para sobreviver às fronteiras
Você deve viver sem fronteiras
Ser uma encruzilhada.
(ANZALDÚA, 2012, p.194-
195)¹⁶

O pensamento de Anzaldúa ajuda a pensarmos em nossos corpos – territórios ocupados, racializados, generificados, nacionalizados, etc., e isso sem nosso consentimento prévio – como um espaço no qual parasitam categorias naturalizantes, e naturalizadas como opostas, mas que podemos fazer deste espaço uma plataforma de enunciação para expressar as singularidades e complexidades que nos compõe, e com as quais, inevitavelmente fazemos corpo. Sua metáfora da fronteira, mais do que um espaço geográfico, denota o espaço limítrofe no qual elementos herdados, adquiridos, impostos e, muitas vezes presumidamente opostos, não se obliteram nem se subsumam a algo maior, mas combinam-se em formas únicas e inesperadas. A fronteira aqui é o corpo e cabe a nós habitá-lo e reocupá-lo.

220



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

¹⁶ Tradução da autora. No original:

*"In the Borderlands you are the
battleground where the enemies are
kin to each other; you are at home, a
stranger, the border disputes have
been settled*

*the volley of shots have shattered the truce you are
wounded, lost in action dead, fighting back;*

[...]

*To survive the
Borderlands You must
live sin fronteras Be a
crossroads.*

(ANZALDÚA, 2012, p.194-195)

O pensamento de Donini tem me ajudado a pensar o corpo-encruzilhada de forma menos macropolítica e menos identitária. Tem me permitido olhar mais para as forças que nos atravessam ao invés de olhar somente para as formas que nos compõe. Tem me possibilitado pensar nos estados de vulnerabilidade, e como chegar a estes, que ao serem acessados possibilitam proximidade e uma aliança com outros mundos. Entender o corpo-encruzilhada como platô (zonas de intensidade contínua) para encontrar ancoragem, para ver a bifurcação como coexistência de mundos possíveis possibilita que criemos outras imagens e outras metáforas de si para habitarmos nossos próprios corpos (DONINI, 2016). Estas imagens e metáforas não seriam totalizantes, mas sim fissuradas, com brechas, imagens inacabadas.

Perceber o corpo-encruzilhada é implicar o corpo na performance e no cotidiano da vida com uma consciência expandida sobre os enredamentos de mundo que nos dão contorno podendo assim refletir criticamente sobre estes e tecer alianças afetivas para



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

habitar o próprio corpo. É também atentar para o que está em tensionamento no corpo, o que tensiona cada corpo, como este se subjetiva e em que encruzadas busca dar densidade as suas paisagens existenciais.

Refletindo sobre a ação *6 minutos*, a proposição corpo-encruzilhada me auxilia na criação da performance pois uma das minhas preocupações na ação é explicitar – e isto se dá via a camada textual enunciada pela minha voz em off – o entrecruzamento dos eixos de diferenciação social e os marcadores sociais atrelados ao meu corpo nessa sociedade: mulher branca de classe média que, sendo assim, geralmente tem menos dificuldades em realizar um aborto clandestino.¹⁷ Creio que em alguma instância esse posicionamento (que nada tem a ver com orgulho de ocupar essa posição) se faz necessário pois já nos são conhecidos os danos causados quando o sujeito de enunciação do discurso não é um sujeito corporificado. Com isto visa-se uma responsabilidade ética pois tenho entendido que particularizar a mirada é também tornar-se responsável por aquilo que se aprende a ver.

Para a criação artística pensar em meu corpo como uma encruzilhada, corpo-encruzilhada, importa na medida em que os discursos cênicos não podem invisibilizar os fatores interseccionais que recaem sobre mim mas também não podem sucumbir ao enrijecimento e embrutecimento causados pela camisa de força das maneiras corretas de existir e de resistir. No processo de criação de *6 minutos* o reconhecimento da encruza entre os mundos possíveis tem me ajudado a digerir e compartilhar memórias que são comuns (mas nunca iguais) a muitas outras mulheres e pessoas não-binárias que passaram por processos similares e que envolveram o silenciamento dessas memórias.

Acompanhando as teorias da crítica de arte e curadora americana Amelia Jones sobre *body art*, performance e feminismos encontramos que na performance artística o gesto histórico encontrado em algumas epistemologias



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

17

feministas que consiste em particularizar o próprio corpo – visibilizando e agenciando seu próprio corpo-encruzilhada – se atualiza como estratégia para desafiar a objetividade desincorporada e os discursos totalizadores que sustentam a posição voyeurística de espectadorxs e sujeitos neutros (JONES, 1998). A relevância deste gesto em performance é aguda pois implica, mais diretamente, que artista e espectadorxs são responsáveis pela produção de sentido relativa àquilo que se instaura na ação. Para a autora a performance e a *body art* propõe um engajamento intersubjetivo na relação com o público, evidenciando e contribuindo para a descentralização e o deslocamento do sujeito cartesiano.

É importante reter que para Jones o corpo particularizado teria o potencial de evidenciar que o/a/x artista é um corpo/self necessariamente implicado na obra de arte, mas, sobretudo, evidencia a obra de arte como um ato social e situado. Além disso, a autora considera que particularizar o corpo é uma estratégia para revelar a contingência da alteridade, do corpo/self do artista em relação ao corpo/self dos espectadores da obra. Quando ambos são marcados como contingentes o espectador não pode mais convocar a neutralidade ou o desinteresse de seu julgamento estético em relação àquela obra de arte.

Seguindo e ampliando as reflexões de Jones em *Body Art/Performing the subject* (1998) podemos pensar que trabalhos autônomos de performers mulheres cis, trans e/ou de pessoas não-binárias em que estas utilizam seu próprio corpo nu possuem o potencial de desafiar a mirada escopofílica, recusando o processo fetichizante e ativando um modo de produção e de recepção da obra que é altamente intersubjetivo. O posicionamento da autora é que tais artes do corpo quando insistem na intersubjetividade teriam a potencia de expor o circuito do desejo que informa a produção e a recepção de significados.

223



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Ao convocar aqui a ideia/proposição corpo-encruzilhada meu desejo foi contribuir com os estudos da performance no que diz respeito a suas teorizações em articulação com “ideias-forças”, imagens e conceitos que auxiliem na pedagogia para a criação em performances artísticas. Entendendo a arte da performance como “uma arena de responsabilidade ética” (BERNSTEIN, 2011, p.388) e como um meio para a “democracia radical” (GÓMEZ-PEÑA, 2005) creio que o diálogo entre a performance e os feminismos – a utilização da interseccionalidade e do pensar-agir descolonial como metodologia de pesquisa e criação em performance – tem grande valor pois nos ajuda a saber-se dentro de uma lógica colonial identitária e saber-se devir, desejo, porosidade e fluidez. Saber-se marcada, mas também inacabada e inacabável.

Referencias bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. To(o) Queer the Writer – loca, escritora y chicana. In: **The Gloria Anzaldúa Reader**. Edição organizada por: AnaLouise Keating. Durham: Duke University Press, 2009.

_____. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 4 ED. EUA:

Aunte Lute Books, 2012.

BACELLAR, Camila. Performance e Feminismos: diálogos para habitar o corpo-encruzilhada. In: **Revista Urdimento** – no prelo.

BERNSTEIN, Ana. Marina Abramovich: do corpo do artista ao corpo do público.

In: AZEVEDO, Carlito, SUSSEKIND, Flora e DIAS, Tania (Org.) **Vozes Femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001, p. 378-402.

CANDAU, Vera Maria. “Ideias-Força” do pensamento de Boaventura de Sousa Santos e a educação intercultural. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte: v.32, n.01, 2016, p. 15-34.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

CORRÊA, Sonia. *The sexual games are over: what's next?* In: **A política sexual em agosto 2016**. Disponível em: < <http://sxpolitics.org/the-sexual-games-are-over-whats-next/15543> > Acesso em 31 de agosto de 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*. IN: **Stanford Law Review** Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. DONINI, Angela. *Processos Escavatórios para Habitar o Corpo – Escrever desde as ruínas*. In: **Desilha_2016** - Seminário de Pesquisas em Arte e Cidade – no prelo.

FABIÃO, Eleonora. *Performing Feminist Archives. A Research-In-Process on Latin America Performance Art*. In: KNAUP, Bettina & STAMMER, Beatrice (Org.) **Re.act feminism #2 – a performing archive**. Londres: Verlag fur moderne Kunst Nunberg & Live Art Development Agency, 2014, p. 29 – 36. _____. *Teatro e Performance: poéticas e políticas na cena contemporânea. Sala Preta*, São Paulo, v.8, p.235- 246, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria**. Madrid: Traficantes de sueños, 2013.

GOMEZ PEÑA, Guillermo. **Ethno-Techno Writings on Performance, Activism and Pedagogy**. Nova Iorque: Routledge, 2005.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. In: **Cadernos Pagu**, Campinas: n. 5, p. 7-41, 2005.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *O Estranho horizonte da crítica feminista no Brasil*. In: **Vozes Femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita** (org.) Carlito Azevedo, Flora Sussekind e Tania Dias. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2001, pp.15-25.

JONES, Amelia. **Body Art/Performing the Subject**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

_____. **El Cuerpo del Artista**. Londres: Phaidon Press, 2006. LUGONES, Maria. Hacia un feminismo descolonial. In: **La manzana de la discordia**. Cali: Universidad del Valle: 2011, v. 6. N. 2, p. 105 – 119.

NOGUEIRA, C. A teoria da interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: condições de produção de "novas possibilidades" no projeto de uma psicologia feminista crítica. In: A. L. Brizola, A. Zanella, M. Gesser (Orgs.).

Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos. Florianópolis:

Editora ABRAPSO.

PINHO, Armando F. & OLIVEIRA, João Manuel. O olhar político feminista na performance artística autobiográfica. In: **ex æquo**, Portugal: n.º 26, 2012, pp. 57-76.

Disponível: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602013000100005&script=sci_arttext&tlng=pt. < Acesso em out.

2106 >

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, Goiana: v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

PRECIADO, Paul B. Liberar o feminismo das políticas identitárias. In: **Liberati3n**, França, mai. 2014, Trad. Silvio Pedrosa, Disponível em:

<http://uninomade.net/tenda/liberar-o-feminismo-das-politicas-identitarias/> < último acesso out 2016

SPINELLI, Miro. pesquisa "outras/nossas histórias da performance e das artes do corpo" [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < camilabastosbacellar@gmail.com > 22 jan. 2016.